

INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL SOBRE A REDAÇÃO ESCOLAR

Ilane de Andrade Carneiro (UEPB)

ilanecarneiro@hotmail.com

Resumo

A linguagem se constitui numa necessidade inerente ao ser humano, tendo em vista o caráter social que ela apresenta. Desse modo, todo homem em sua essência, precisa interagir com os seus semelhantes e, para isso, utiliza-se das expressões lingüísticas, oral e/ou escrita.

A expressão oral, como primeira forma de expressão utilizada pelo indivíduo para comunicar-se, é apreendida no cotidiano do ser humano e, por isso, possui uma construção natural. Ela é dotada de grande importância para o convívio diário da humanidade, por ser a mais utilizada nas interações discursivas.

A escrita, por sua vez, necessita de um instrumento orientador para a sua aquisição. Diferentemente da oralidade, a escrita requer planejamento na sua execução, para que o leitor compreenda as informações textuais, visto que esse tipo de modalidade não conta com a presença específica do locutor. Conseqüentemente, nesta expressão, não existirão, também, gesto articulatório, entonação de voz e outros recursos inerentes à fala, que podem influenciar o ato comunicativo.

A pesquisa se propõe a discutir as marcas da oralidade que podem estar presentes em redações escolares, o que pressupõe um estudo das modalidades lingüísticas, dada a sua função no contexto social e sua relevância no processo comunicativo. Existe assim, uma preocupação em destacar a importância dos fatores sócio-culturais na utilização adequada das modalidades textuais, levando-se em consideração a importância do “dizer” e “quando dizer”, o que pressupõe uma técnica, um estilo e até um modo de ser do produtor.

O presente trabalho propõe-se a promover uma análise de textos de alunos com níveis de conhecimento distintos, afim de que sejam observados elementos da expressão oral na escrita, observando com isso o grau de “intimidade” que os alunos têm com as expressões da língua, bem como objetiva-se ainda observar de que forma os alunos utilizam a oralidade em textos escolares, de acordo com o nível cognitivo que eles apresentam.

Introdução

Por se tratar de um estudo voltado à educação é imprescindível que se esclareça, já de antemão, que a visão de educação adotada neste trabalho está centrada não só na aquisição de novos conhecimentos, mas precisamente na forma como esses saberes são utilizados na formação e expressão de pensamentos reflexivos, a partir de critérios que possam analisar, julgar, optar e produzir assim atos comunicativos, os quais podem evidenciar uma relação positiva entre os aspectos cognitivos e interacionais do discurso.

O uso da linguagem, atendendo a propósitos comunicativos, exige cada vez mais dos analistas que sejam multidisciplinares, a fim de ampliar o campo interpretativo, pois no meio social existem indivíduos com variados níveis escolares, o que caracteriza a existência de uma diversidade de nível interpretativo, sendo que, para alcançar esse campo, é preciso que o usuário esteja ciente da heterogeneidade e seja sensível às necessidades linguísticas dos receptores.

Admitindo que a sociedade esteja dividida em classes distintas, representadas por instituições definidas, e que cada instituição social é o lugar onde diferentes discursos são forjados, é interessante que, durante o trabalho de competência discursiva, o analista tenha em vista a importância do contato com o maior número possível de gêneros textuais que existem na sociedade, haja vista os processos de compreensão e de transformação da sociedade.

No estudo das modalidades textuais, dois processos são basicamente utilizados ou trabalhados: a adequação do uso da oralidade assim como o reconhecimento e a utilização correta dos elementos que constituem a escrita. Assim, nota-se que tanto o discurso oral como o escrito são determinantes no processo de desenvolvimento cognitivo e conseqüentemente social do indivíduo. “Tanto a linguagem falada como a escrita possibilita o desenvolvimento de processos psicointelectuais” (BEZERRA, 2005, p.38).

O ato de pesquisar pressupõe uma busca por informações cognitivas gerado por uma necessidade ou até mesmo pelo interesse em corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente. Neste sentido, o presente artigo está pautado em análises de marcas da oralidade que podem estar presentes em redações de alunos com nível escolar distintos, mais precisamente, estudantes concluintes do Ensino Fundamental II, bem como também alunos pré-vestibulandos. Dessa forma pretende-se, através da pesquisa, sugerir atividades que possam levar os alunos ao reconhecimento das marcas orais encontradas nos textos, destacando com isso a função intertextual que as mesmas apresentam.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo de natureza qualitativa, através da qual se buscou observar a relação existente entre a oralidade e a escrita num contexto social específico. Partiu-se do pressuposto de que as marcas da fala podem influenciar no meio comunicativo, quando destinadas à escrita, no que diz respeito ao processo interpretativo. O *corpus* deste trabalho está centrado em textos, cujas práticas foram desenvolvidas com professores e alunos no 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio numa escola pública da cidade de Riacho dos Cavalos – PB.

O presente trabalho se divide em duas partes principais. Na primeira parte é feita uma caracterização das especificidades de cada modalidade linguística, dada a sua

função no contexto social, bem como sua relevância no processo de comunicação. A segunda parte, por sua vez, está direcionada à análise do *corpus*, destacando a importância dos fatores sócio-culturais na utilização das modalidades textuais.

1 - Oralidade e Escrita

Não se sabe exatamente o período de surgimento da escrita. O que se registra é o fato de sua origem está associada a um período posposto à fala, o que não significa atribuir-lhe a função de representação da oralidade.

Quando analisadas, as expressões orais e escritas apresentam aspectos discriminativos que reforçam o caráter distintivo. A língua oral, por exemplo, utiliza-se de fonemas para a formação de elementos semióticos, como o significante, representado por o sinal gráfico, os sons, as letras de uma palavra. Dessa forma, os fonemas, por sua vez, são estruturas que representam a menor unidade sonora capaz de produzir significados diferentes.

A língua escrita representa uma “tentativa imperfeita” de reprodução dos sons da fala porque não corresponde com exatidão aos fonemas. E neste caso, verificam-se as diferenças que podem ocasionar problemas no ato conversacional. Nessa perspectiva, destaca-se o fato de que, nem sempre, o número de fonemas corresponde ao número de letras ou vice-versa, o que pode dificultar o processo de desenvolvimento dos indivíduos mais distraídos. Pode-se ter como exemplo o vocábulo “fixo” que apresenta quatro letras e cinco fonemas, /f/i/k/s/o/. E assim, durante o processo de desenvolvimento da escrita observam-se dois problemas a serem resolvidos: o que escrever e quando escrever, além da confusão que pode surgir durante a escritura dos vocábulos, em determinar qual letra ou quantas letras a serem utilizadas. Estes são uns dos aspectos que os usuários da língua devem atentar a fim de evitarem problemas comunicativos.

A diferença entre a oralidade e escrita não termina por aqui, pois, se aprofundada a pesquisa é possível entender uma importância nos estudos direcionados à sintaxe e à estilística que fazem parte também das estruturas organizacionais dos textos. Nesse sentido, são atribuídas duas formas distintas de produzir textos, ou seja, duas gramáticas distintas: a da língua escrita, denominada de “gramática normativa” e a da “língua oral”, chamada por muitos de gramática natural.

Aquela estabelece o padrão culto da língua e considera como erro toda transgressão às suas regras; esta estabelece as regras gerais da língua para que qualquer fala possa ser decodificada ou entendida. Segundo esta última definição, pode-se concluir que todos os falantes do português dispõem de uma gramática completa, desde a criança e o analfabeto (que não fazem as concordâncias corretas, mas que se fazem entender e entendem as outras pessoas). O que vai diferenciá-los é o grau de cultura ou o nível sociocultural.

Entretanto, numa sociedade em trânsito do oral ao escrito, poderá haver, contudo, dois grandes inconvenientes: o primeiro a perda da memória interna; o outro, a possibilidade de transmissão de um conhecimento estático e, pior ainda, a ausência da consciência do autor em saber se o leitor teria acesso e saberia entendê-lo corretamente.

É válido salientar que, com o intuito de evitar desconfortos linguísticos na comunicação, a língua portuguesa possui na sua íntegra, exigências de caracteres que

permitem a distinção de duas formas de expressão: uma oral e uma escrita. Esses, porém, são responsáveis por uma comunicação saudável e, quando apresentam alterações morfológicas, podem desviar o léxico dos vocábulos e comprometer a coerência textual.

Nesta perspectiva, Saussure (1970 *apud* RAMANZINE 1991, p. 14) reforça a importância da sistematização no ato comunicativo comparando a língua a um “jogo de xadrez”:

Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo.

Dessa forma, faz-se necessário uma distinção precisa dos elementos que compõem as expressões linguísticas e suas condições de uso, para que haja um melhor entendimento das variantes linguísticas. Assim, a expressão oral possui, por excelência, fatores que permitem o enriquecimento do ato conversacional, dando apoio ao mesmo, destacando-se na transmissão comunicativa em que se envolvem elementos relacionados à fonética, tais como as pausas, que podem favorecer a coesão dos elementos textuais.

A forma de como são proferidas as palavras, ou seja, a força com que são exteriorizados, visivelmente, os vocábulos pode favorecer a uma apreensão imediata das informações textuais, através de uma separação mental que fazemos entre uma palavra e outra.

A oralidade apresenta uma relação mais íntima e direta com o interlocutor do que a linguagem escrita, já que esta é digna de exigências que a colocam, de certa forma, mais distanciada, isto é, na expressão escrita não existe um leitor, necessariamente, específico. O que se faz importante, neste caso, dá ênfase aos elementos que compõem o texto, os quais são responsáveis pelo ato comunicativo. Talvez fosse ainda de maior valor, destacar a importância da ausência, nesta forma linguística, de qualquer variação de voz ou quaisquer movimentos do corpo. E nesse sentido Câmara Jr. (1986, p. 55) comenta a importância de “uma velha anedota”.

Conta à indignação de um rico fazendeiro ao receber de seu filho um telegrama com a frase singela – “mande-me dinheiro”, que ele lia e relia emprestando-lhe um tom rude e imperativo. O bom homem não era tão néscio quanto à anedota dá a entender: estava no direito de exigir da formulação verbal uma qualidade que lhe fizesse sentir a atitude filial de carinho e respeito e de refugar uma frase que, sem a ajuda de gestos e entoação adequada, soa à leitura espontaneamente como ríspida e seca.

Neste caso, pode-se perceber através da escrita que, a ausência de alguns recursos como “pausas”, inerentes à oralidade, exercem uma função de grande importância no processo comunicativo, e que deve se levar em consideração a sua eficiência no processo de produção textual, para evitar equívocos na compreensão das informações. O exemplo acima pode apresentar uma importante particularidade da língua escrita, ou seja, o tipo de leitor que determinará o nível de complexidade do

texto. Pode-se perceber que, mesmo sem uma descrição direta, ou mesmo rudimentar relacionada às características ou até ao perfil do leitor (fazendeiro) do texto acima, que este é possuidor de uma cultura rígida, dotada de valores e exigências morais, pois com a ausência de recursos orais no texto, o receptor manifestou uma reação espontânea frente aos elementos textuais, dando-lhe uma interpretação áspera, o que provavelmente, não convinha com a intenção do autor.

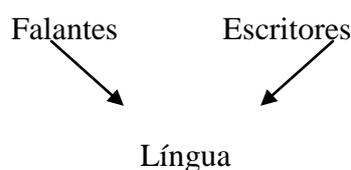
Note-se, porém, que a linguagem exerce uma função importante na vida social e humana, mas também pode produzir “acidentes” linguísticos através de situações de conflito produzidas por uma má elaboração das construções discursivas que afetam a real função dos elementos das expressões da língua, a comunicação.

Dessa forma, percebe-se que as distinções existentes entre as duas expressões linguísticas podem produzir conflitos no ato interpretativo, podendo criar situações de desconforto, tanto para o produtor como para o receptor. Assim, a língua, quando comparada a uma ferramenta, deve obedecer a critérios de uso para que sua utilização possa ser vantajosa e não produzir efeitos contrários.

No entanto, é válido dizer que tal estudo poderá favorecer ao desempenho discursivo do estudante, uma vez que este encontrará suportes linguísticos suficientes para atuar ativamente na sociedade. Segundo Kraemer (p.02; 2006) “a escola deve ensinar a produzir e interpretar, possibilitando ao aluno ampliar o exercício de formas elaboradas, importantes na sua participação crítica na sociedade”.

2 – A Função Social da Oralidade e da Escrita

Quando se fala de oralidade e escrita é preciso atentar para o fato de que se trata de duas modalidades que pertencem a um mesmo sistema linguístico e que, porém, os caracteres que as distinguem são especificamente as diferenças culturais. O conhecimento destes aspectos torna-se representativo para o produtor textual que busca um melhor desempenho no processo comunicativo.



Seguramente tal consciência se destaca na maneira a identificar a situação em que a oralidade e a escrita são usadas. Do ponto de vista funcional, percebe-se que a escrita tem um papel diferente quando observada a relação na escola e fora dela. Pois desde sua origem a escrita foi tratada como algo superior o que pode provocar preconceitos, e até dificultar o processo de ensino da modalidade. Faz-se importante perceber que “na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso” (MARCUSCHI, 2006, p. 22).

Marcuschi (2006, p. 36) traça um paralelo entre duas situações distintas. Durante uma produção textual escrita por um indivíduo considerado pela sociedade “letrado”, um advogado, por exemplo, que supostamente apresenta um desenvolvimento cognitivo desenvolvido, especialmente no que se refere à produção de texto. É possível observar que ao dissertar sobre um determinado tema será provável que as suas opiniões sejam objeto de discussão, não sendo ele assim estigmatizado pela linguagem utilizada, a menos que “viole normas muito específicas”. Já quando o mesmo indivíduo é solicitado para “falar” do mesmo tema, as avaliações se dirigirão à forma de falar e não ao conteúdo e, neste caso, poderão surgir diferenças além das avaliações. Desse modo, tanto a fala como a escrita devem ser trabalhadas de modo que as mesmas não sejam consideradas como dois processos radicalmente opostos, mas apenas diferenciados, pois a aprendizagem da escrita deve ser mediada pela fala, de modo que sejam percebidas as propriedades e funções de cada uma delas.

A interação entre interlocutores é a base, o fundamento da teoria Bakhtin/Volochinov, pois é nesse processo que os interlocutores criam a significação das palavras e do texto. Segundo Bakhtin/Volochinov (1992) “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”.

Análise dos Dados

O material analisado procedeu-se de textos produzidos pelos próprios alunos além da realização de uma entrevista fundamentada numa pergunta, no intuito de fornecer suporte ao trabalho.

Os textos selecionados fazem parte de um trabalho que o professor de português realiza anualmente, através da solicitação de um primeiro trabalho, como sondagem do nível dos alunos, após o início do ano letivo.

Como procedimento inicial, solicitou-se que os alunos produzissem um texto com tema livre, para que os mesmos ficassem à vontade para escolher um assunto que fosse de domínio de cada um, de forma que o tema fosse de acordo com sua realidade.

Através da análise dos textos, verificou-se que existe uma valorização das variedades lingüísticas trazidas do convívio familiar, a partir de uma estimulação do raciocínio e do senso crítico do aluno, além de uma forte influência de marcas conversacionais.

Segundo Câmara Jr. (1986, p. 50) “O plano da exposição tem de amoldar-se aos ouvidos a que se destina e as condições ambientes em que vai projetar-se”. Isto significa dizer que, a influência da oralidade pode afetar o entendimento do leitor na abstração das idéias, como no exemplo a seguir:

“**Não aconselho** a usar drogas porque elas **vam** matando aos poucos sem ninguém **peseber hoje em dia** quem usa mais são os jovem sou **careta** mas não **otario** não uso drogas”.

Tratando-se do texto acima, é possível perceber a presença de marcadores orais como gírias, marcadores conversacionais que influenciam na interpretação das informações textuais. Isto porque, as gírias são especificidades de determinados contextos sociais o que restringem o entendimento a um determinado grupo social.

Existe uma necessidade ou uma dificuldade na prática e até na distinção dos grafemas e fonemas, os quais foram bastante identificados no material de análise através de erros ortográficos e da troca de letras, fato já demonstrado anteriormente, além do uso de palavras estranhas à constituição da língua portuguesa. Aprender a pronunciar corretamente as palavras, assim como escrevê-las em tempos adequados, é importante no processo de desenvolvimento cognitivo do educando.

Na entrevista, perguntou-se aos entrevistados a opinião deles com relação à lei municipal do Rio de Janeiro, que está para ser votada na qual nenhum aluno poderá ser reprovado. Os entrevistados puderam expor seu ponto de vista nas duas modalidades lingüísticas. Dessa forma, foi possível constatar fortes marcas que distinguem o discurso. E ainda, percebeu-se que, por mais formal que o discurso oral seja, a escrita não é continuidade da oralidade.

Como exemplo, segue-se o exemplo abaixo, que trata da resposta do aluno da terceira série do nível médio, texto oral.

Na verdade a gente vê que... que... isso é um assunto complexo né? É..é... as pessoas procuram o povo... a... é...Ministério da Educação, Secretarias e tentam inovar as coisas. No entanto a gente vê que o que as escolas hoje procuram de qualquer forma estar passando os alunos e esquecendo de que os alunos entram na escola e precisam...quer que tem que acontecer? É... descobrir mecanismo não que façam com que... não...eu tenho que passar. Não, mecanismo que faça com que o aluno ele procure desenvolver vários raciocínios...é procurar mais também é...tipo uma matéria no caso matemática ter mais raciocínio lógico e que consiga abreviar esses é...é...a gente dizer assim...esses...é...é..essa...esses...negócios de que o aluno ele vai pra o colégio e diz eu vou eu passo de qualquer forma. Eu acho que isso é um assunto muito complexo eu, eu acredito que, que se está pra ser votado esta lei lá no Estado do Rio é... eles devem ouvir realmente muito mais pessoas porque na verdade quantos anos já se passaram e a educação continua a mesma onde a gente vê que ao invés de serem querendo fazer factóides com, com esse tipo de, de lei...porque eles não procuram é... incentivar mais os alunos de escolas públicas a entrarem mais na universidade...criem mais vagas...porque na verdade a gente vê que hoje é..já tirando o raciocínio da sua pergunta e voltando pra o que..que eu quero definir ...a gente vê que na verdade hoje as universidades públicas, o que que acontece?

Neste caso, verifica-se a presença de pausas, várias interrupções, além de marcadores conversacionais como “né”, “a”, “esses negócios”, entre outros marcadores, que são constantes na fala. Há também a presença de pausas que condizem com o discurso oral, além de expressões espontâneas que são usadas, normalmente para preencher um espaço de vocábulos ausentes.

Para efeito comparativo apresenta-se a segunda parte da proposta, a mesma indagação, agora relatada através da escrita.

Esse tipo de Lei na verdade é muito complexo pois irá abrir precedentes perigosos no que diz respeito a temática aprendizagem. Porque ao invés de se criar factóides, esses homens públicos legisladores não procuram criar mais vagas nas esc, digo, universidades públicas que estão recheadas de pessoas da classe

econômica A e B, e no entanto, os alunos das camadas sociais menos favorecidas estão foras das universidades perdendo espaço para essas pessoas que até o ensino médio estudam em colégios particulares, porém quando prestam vestibular é tão somente para concorrer em igualdade de condições com os alunos de escolas públicas, que está passando por um processo muito lento de aprimoração e capacitação.

Os dois textos refletem de modo mais claro, as diferenças das modalidades lingüísticas, além de destacar, de forma mais significativa, os marcadores conversacionais. Por exemplo, como já se sabe, existe um caráter individualizado presente na fala do entrevistado em que é possível observar a mudança de tópico por não haver tempo para planejamento e fluir mais rapidamente a conversa. A expressão “*eu acho*”, usada pelo aluno, é própria da conversação e revela que o falante parece não estar muito seguro da sua posição, não permitindo, assim, ao autor a assumência do seu discurso.

Considerações Finais

A pesquisa aqui apresentada permitiu observar o processo de produção textual, no que diz respeito à relação oralidade x escrita e possibilitou algumas constatações, tais como: a influência da fala na escrita está relacionada a um processo cultural, e que este, quando trabalhado pode ajudar no processo de desenvolvimento cognitivo do aluno. Dessa forma, percebeu-se que no processo de transcrição do oral para o escrito, o sentido do texto não é alterado. Entretanto, quando a situação é invertida, ou seja, quando o oral assume espaço na escrita, podem ocorrer perdas no contexto informativo.

Do ponto de vista metodológico, constatou-se a importância de uma estimulação reflexiva que seja capaz de sensibilizar o aluno a reconhecer uma tipologia textual, visto que, a comparação entre os textos orais e escritos, obtidos através da entrevista, permitiu observar que, na forma escrita, a linguagem tende a ser mais sintética, porém, mais clara. Contudo, na linguagem oral, percebeu-se o uso mais freqüente de elementos extralingüísticos que caracterizam uma aproximação mais íntima de locutor e interlocutor, o que no texto escrito não é observado.

Dessa forma, durante o processo ensino-aprendizagem, a adoção de metodologias adequadas que possibilitem ao aluno o contato, e conseqüentemente, o reconhecimento das modalidades e, em especial, dos gêneros textuais, pode contribuir para a aprendizagem do mesmo com relação às expressões lingüísticas e sua aplicação. Além disso, pode promover no educando um desenvolvimento do senso crítico para as questões relacionadas ao ato interpretativo.

Referências

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al (Orgs). **Gêneros textuais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.37 a 46.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**, 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da cunha de Oliveira et al. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino da língua materna**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**, 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade In **Gêneros textuais e ensino**, DIONÍSIO, Ângela Paiva de. et al (Orgs). 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.19 a 36.

KRAEMER, Márcia Adriana Dias. **Ensino gramatical de língua materna: uma arena de conflitos**. Revista Letra Magna, ano-03.04, 1º Semestre de 2006.